

ENTRE MONSTROS e FANTASMAS

M.R. FOURNET

Nada é mais perigoso do que
um caçador de monstros
com uma missão.

M. R. FOURNET

TRADUÇÃO
Luisa Facincani

**ENTRE
MONSTROS e
FANTASMAS**

 FARO
EDITORIAL

Dedicado à Memória do
tio Ray e da tia Margie





CERTA VEZ ALGUÉM PERGUNTOU para Marius Grey se ele sabia qual era o gosto do pavor, e ele respondeu, com muita confiança, que tinha gosto de moeda.

A atmosfera ficava eletrizada quando um monstro entrava no ambiente. Os cabelos, arrepiados, aquele mau pressentimento — tudo começava com uma faísca. Cobre e metal queimados com uma carga. Só pessoas terrivelmente chatas conseguiam ignorar uma coisa dessas.

É só uma preferência pessoal dos monstros atormentar casas com péssimos eletricistas, sabia? Qualquer lugar cheira a metal se os fios estão expostos. Não é algo sobrenatural.

Marius sentiu o gosto de várias moedas na boca enquanto estava agachado dentro do armário de Violet Humphrey. Ele podia vê-la através da fresta da porta, que dava para o quarto dela. A mãe da garota a tinha fechado sem saber que ele estava escondido atrás de uma prateleira de vestidos e bichos de pelúcia. Foi preciso muito esforço para afastá-los devagar e vigiar a garota.

Fiquei sabendo que a maioria dos eletricistas na região de Nova Orleans são bêbados e viciados em apostas. É por isso que existem tantas assombrações.

— Chega, mãe — sussurrou Marius no escuro. — Como na maioria das vezes, você só tem setenta e cinco por cento de razão. E os monstros na natureza? Não há eletricidade lá.

Eles são exceções, mas você não deveria responder a sua mãe. É falta de educação.

Havia várias coisas incomuns a respeito dessa conversa particular, sussurrada no armário de uma criança inocente. Uma delas era que Marius Grey estava conversando com uma voz sem corpo. Ele estava sozinho, apenas com seu livro como companhia. Outra era que a voz sem corpo pertencia à sua mãe, que estava, ao que tudo indicava, morta.

— Me deixe em paz. Tenho que vigiar a garota — ele rebateu.

Violet, de sete anos, dormia um sono irregular, com o cabelo loiro-escuro espalhado ao redor do travesseiro. Ela parecia saber, de maneira inconsciente, do perigo que crescia no mundo real enquanto dava gritinhos e se debatia durante o sono. Marius prendeu a respiração, esperando que ele aparecesse. Monstros eram pacientes, mas até certo ponto. Não demoraria muito mais.

Devagar, ele trocou seu peso de lugar dentro do armário. Sua perna esquerda estava quase dormente. Mover o corpo permitiu que o sangue fluísse de volta para ela, e um formigamento veio junto. Foi preciso morder o lábio para segurar os gemidos de dor, mas, ei, o que funcionasse estava valendo, não é? Ele não deixaria a pequena Violet Humphrey travar aquela batalha sozinha. Que tipo de caçador de monstros ele seria?

Como se convocados por seus pensamentos, tentáculos pretos se estenderam por baixo da cama de Violet. Primeiro um, e depois dois, e três, e sete. Se você não soubesse a verdade, poderia pensar que um grande polvo preto estava emergindo de algum coral escuro. Ele preferiria que fosse um polvo. Violet devia desejar a mesma coisa.

O corpo do bicho-papão se solidificou, revelando um longo casaco feito de sombras tênues e uma cartola de veludo refinado. Ele inspirou e expirou, consolidando sua forma. Esticou as mãos ossudas e abriu os dedos nodosos. Marius viu um nariz pontudo e um sorriso macabro. A cartola cobria os olhos, mas todo bom caçador sabia o que havia por baixo.

— Violet — o bicho-papão sussurrou na noite tranquila. — Violet Humphrey, acorde e olhe para mim.

Os cabelos se mexeram até ela se deitar com o lado direito virado para cima. Seu pequeno nariz brilhava sob o luar. Ela deu algumas fungadas hesitantes e se firmou. Um chiado baixo de medo se transformou em um soluço na garganta quando ela se virou para encarar o bicho-papão. A pobrezinha puxou o cobertor até o queixo, apesar da noite quente.

— Olhe nos meus olhos, Violet — o bicho-papão ordenou. — Olhe aqui, criança.

— Não — ela respondeu, se sentando. Os olhos arregalados espriaram por baixo da cortina de cabelo em seu rosto. — Não, não vou olhar. Conte para a minha avó sobre você, e ela disse para não fazer o que você pede.

— Você olhará, criança. Como não olharia?

— Nem pensar — Violet disse com a voz trêmula. Ela se recusou a dar as costas para o bicho-papão, mas fechou os olhos com força como forma de protesto.

— Agente firme, pequenina — Marius sussurrou. — Estou quase pronto.

Marius se inclinou para a frente, dando espaço para que seu livro escorregasse do bolso interno incrivelmente fundo para sua mão. O volume parecia pesado e reconfortante. Nada como um livro bom e pesado para nos fazer sentir seguros. Ele folheou as páginas no escuro até encontrar a fita que marcava o local correto. Ali estava — a próxima página em branco.

Ficar em pé dentro do armário não era uma tarefa fácil. Pelo visto, Violet amava encher o lugar de brinquedos. O pé de Marius escorregou em uma bola

que teria feito com que ele perdesse o equilíbrio, se não tivesse se agarrado a uma capa de chuva pendurada num cabide. Por sorte, o bicho-papão não ouviu nada. Estava ocupado demais iniciando seu lamento.

O grito é horrível, ainda assim, os pais não o escutam. Era uma bênção e uma maldição se você fosse como Marius, um caçador de monstros aos doze anos. Ouvir um grito tão horrendo era péssimo, mas necessário.

Era como uma sirene de alerta. O engatilhar de uma arma antes de o gatilho ser puxado. Se Marius fosse incapaz de ouvir o lamento do bicho-papão, ele poderia perder sua chance. Colocaria a pobre Violet em mais perigo do que ela já estava. Quando ele olhou pela fresta de novo, Violet cobria os olhos com as duas mãos e chorava.

Segurando o livro com a mão esquerda, Marius buscou no bolso da frente, o mais próximo de seu coração, o pó de tijolo que ele sabia que estava lá. Pegou um punhado com a mão direita. Com um chute forte, a porta do armário se abriu e Marius apareceu, pronto para a batalha.

O bicho-papão se virou para ele com um estalar brusco de cabeça. Seus olhos brilhavam vermelhos por baixo da cartola de veludo preta, como dois faróis demoníacos em uma rua escura. Ele não gritava mais. Depois de notar Marius, o monstro rosnou da maneira que só animais fazem.

— Marius Grey! — o bicho-papão disse, apontando um dedo longo e afiado em sua direção.

Sua boca se abriu muito mais do que a boca de qualquer ser humano jamais conseguiria. Ela formou uma espécie de sorriso, como se alguém a tivesse esculpido em uma árvore queimada e então a aberto à força com um pé de cabra. Quando a boca se abriu por completo, não havia como impedir o cheiro de podridão e ruína que saía dali. O aroma dos restos apodrecidos das almas de crianças que ele havia devorado.

Os olhos de Violet estavam abertos agora, e ela olhava do caçador para o bicho-papão. O bicho-papão a ignorou. Ele estava muito mais preocupado com o intruso, que era o que Marius queria.

O bicho-papão se lançou sobre o caçador, mas Marius saltou para o lado, atirando pó de tijolo em seus olhos brilhantes. O monstro jogou a cabeça para trás e gritou, agarrando o rosto, desesperado. Marius correu até a cama de Violet e estendeu as mãos para ela. Ela saltou em seus braços sem hesitar.

— Quem é você? — ela perguntou, com um guincho escapando da garganta.

— Marius Grey, caçador de monstros. Aqui, segure isto e não perca a página.

Marius lhe entregou o livro e colocou o dedo minúsculo da garota para marcar o lugar. O grande volume vermelho parecia enorme nos braços dela, mas ela aceitou com determinação no rosto. Em outro bolso, pegou o sa-leiro prateado.

— Vou fazer um círculo com isso — Marius disse. O bicho-papão ainda estava se debatendo, tentando tirar o pó de tijolo do rosto. Era apenas uma questão de tempo até ele conseguir. — Quando eu fizer isso, fique dentro dele. Seja como for, não saia e não olhe nos olhos dele.

Ele desenhou um círculo de sal imperfeito ao redor de Violet e de si mesmo. Foi no momento exato, porque o bicho-papão horrendo correu na direção deles, com os olhos brilhando e os dentes à mostra. Quando chegou ao sal, bateu em uma barreira invisível. Era como ver um trem macabro atingir uma parede de tijolos.

A criatura desabou, mas se levantou de novo, destemida. Afinal, os bichos-papões são feitos, mais ou menos, de névoa e medo. Restava pouco tempo. Se ele tivesse a ideia de fugir pela janela, Marius o perderia outra vez, com certeza. Isso significaria duas semanas rastreando fumaça.

Marius arrancou o livro das mãos de Violet, o abriu rápido e segurou a página em branco na direção do bicho-papão. Assim que o monstro viu o nome escrito na página, ele se encolheu, procurando, desesperado, por uma saída.

— É tarde demais para isso. Eu te peguei — Marius disse.

— É o que você acha, caçador de monstros! Seus feitiços fracos não...

— Agarre com força, não deixe escapar. Pó de tijolo e sal para afastar. Linha invisível, um anzol a puxar. Faça o monstro no livro ficar!

Ao terminar o feitiço, o bicho-papão soltou um lamento. O livro de Marius brilhava num tom carmesim enquanto sugava a criatura. Todos os monstros lutavam contra essa força, mas não adiantava. Daria na mesma lutar contra o passar do tempo ou o nascer do sol. Os tentáculos finos tentaram se agarrar às grades da cama de Violet, mas não tiveram sucesso. O livro sugou cada centímetro dele para dentro, e Marius fechou a capa por completo em cima dele.

2

A GAROTA ASSUSTADA AINDA estava sentada no círculo de sal, com o corpo todo tremendo. Ela era uma coisinha minúscula dentro da sua enorme camisola. Só pele e osso por baixo de uma tenda roxa. Violet envolveu os joelhos com os braços, respirando de maneira pausada e superficial. Marius espiou por entre o emaranhado de cabelos e viu que seus olhos estavam bem fechados.

— Você pode abrir os olhos agora — ele disse, pegando a mão de Violet.
— Ele já foi embora. Você está salva.

Os olhos de Violet se abriram espantados. Ela observou o quarto, procurando pelo monstro. Quando viu o livro de Marius, ainda brilhando fraco por conta da captura, recuou alguns passos, chutando sal pelo piso de madeira.

— Você está ouvindo? — ela perguntou.

— Ouvindo o quê?

Agora que o mundo estava livre do bicho-papão lamentoso, Violet e Marius ouviam tudo com muito mais clareza. O barulho no qual se concentraram era o som revelador de passos de adultos vindo em sua direção.

— São meus pais!

— Rápido! Volte para a sua cama — ele disse.

Violet correu para a cama, jogando as cobertas por cima de si outra vez. Marius agarrou um tapete com formato de um gato e o jogou sobre o círculo de sal. Seu primeiro instinto foi voltar para o armário, mas não dava tempo. Estava longe demais. Ele tinha que tomar uma decisão rápida para não ser pego.

Marius jogou um pouco de pó de tijolo no caminho que levava à porta. Correndo, ele deslizou pela madeira. Ele estava muito agradecido por ter deixado os sapatos no armário de Violet para poder se esgueirar com mais facilidade. Agora, ele só usava meias. O que é, de longe, a melhor coisa a fazer se você quer deslizar rápido pela madeira polida. O pó impulsionou seu corpo bem na direção dos passos que se aproximavam. Ele só queria chegar ao canto do quarto antes que os pais dela abrissem a porta.

Para alívio do caçador, seu ombro bateu no canto do quarto de Violet no momento em que a mãe abriu a porta. Marius se encolheu junto à parede o

máximo que pôde. A madeira ficou a um centímetro de acertar seu nariz. Ele prendeu a respiração e se concentrou em diminuir de tamanho.

— Violet, meu amor, o que está acontecendo aqui? Ouvimos um tumulto — sua mãe disse, parecendo, ao mesmo tempo, preocupada e irritada.

A luz quente do corredor invadia o lugar, criando um retângulo de iluminação no quarto. Os olhos de Violet estavam arregalados, e ela os movia da mãe para Marius. Sua boca estava aberta e formava um “O” incerto de surpresa.

— Você estava dançando aqui de novo? — disse uma voz paternal.

A sombra de um homem apontava para o tapete que cobria o sal. Quando ela lançou a Marius outro olhar, ele balançou a cabeça devagar. Ele colocou um dedo sobre a boca. Era o sinal infantil universal para mentir para os pais.

— Tive um pesadelo — Violet finalmente disse.

— Um pesadelo ruim o bastante para mover o tapete? — o pai perguntou.

— Hum... sim. Um pesadelo bem ruim.

— Bom, isso não faz o menor sentido — a mãe disse.

— Meu pesadelo não fazia o menor sentido — Violet disse, dando de ombros. — Por isso não faz o menor sentido.

— Por que você se levantou e moveu o tapete? — a mãe perguntou, parecendo mais irritada do que antes. — A verdade agora.

— Eu não movi o tapete. Meu pesadelo deve ter feito isso — Violet respondeu.

Houve um longo momento de silêncio, no qual Marius colocou o livro que ainda vibrava debaixo do sobretudo. A luz agora era só um brilho suave. Qualquer sinal ou som poderia entregá-lo. Violet olhou para Marius outra vez. Um pequeno brilho irradiou em seus olhos. O reconhecimento de uma ideia que poderia ser boa e ruim.

— Papai me deu uma Coca-Cola antes de dormir!

Os pés dos pais se arrastaram do outro lado da porta. Ficaram calados, enquanto o ar do quarto mudava. Marius tinha que admitir, era um ótimo truque. Violet era muito esperta. Quando uma dúvida surgir, bote a culpe em alguém, e os pais são, em geral, os melhores alvos.

— Você a deixou tomar Coca-Cola antes de dormir? — a mãe de Violet perguntou. Sua voz estava firme. As palavras saíram baixas e distintas, como se ela as estivesse cuspidando por entre os dentes. Uma raiva mal controlada na frente da criança.

— Não achei que traria pesadelos — o pai respondeu.

— Tom, pelo amor de deus.

— Você tem razão, Laura. Me desculpe — ele disse com uma voz apaziguadora. — Violet, nada de Coca-Cola três horas antes de dormir.

Violet se encolheu um pouco. Marius podia perceber que isso a deixara chateada. Ela tinha aberto mão de algo que gostava para salvar a pele dele.

Bom, para salvar os dois. Se seus pais o descobrissem, seria o fim. Eles o expulsariam, talvez até chamassem a polícia. Alguém levaria o livro dele. Nas mãos erradas, o bicho-papão escaparia e voltaria a fazer banquetes com a alma das crianças.

— Vamos — a mãe disse. — Vou ajeitar você de volta na cama.

Os olhos de Marius se arregalaram e ele balançou a cabeça para Violet. Se a mãe dela a ajeitasse na cama, ela com certeza iria se virar, e então o veria escondido atrás da porta.

— Não! — Violet gritou.

— Por que não?

— Estou... bem. Mamãe, estou bem. Pronta para dormir de novo. Boa noite.

— Ah. Tudo bem, então. Boa noite, querida — a mãe disse.

— Chega de correr pelo quarto, Violet. Direto para a cama — o pai ordenou.

— Juro, juradinho — Violet respondeu, erguendo a mão como em um juramento.

Devagar, a mãe e o pai saíram do quarto e fecharam a porta. Marius esperou até ouvir os passos desaparecerem no corredor. Quando o caçador se levantou, esticou as pernas rígidas. Ficar agachado assim era um problema para o corpo. Violet desceu da cama e caminhou na ponta dos pés em sua direção.

— Essa foi por pouco — ela sussurrou.

— Obrigado pelo apoio — Marius agradeceu.

— Quem é você? — ela perguntou de novo.

— Sou Marius Grey, caçador de monstros — ele repetiu, estendendo a mão.

— Mas você é uma criança — ela comentou, observando-o o melhor que podia no escuro.

— Você não precisa ser um adulto para fazer este trabalho.

— Ele... ele vai voltar algum dia? — ela perguntou, apontando para o livro na mão dele.

Seus olhos arregalados começaram a lacrimejar por baixo do emaranhado de cabelo selvagem. Ela era uma garota esperta, mas ainda era só uma garotinha que havia visto um monstro enorme. Marius abriu os braços e ela correu até ele. Ele a abraçou com força até seu corpinho parar de tremer.

— Ele nunca mais vai machucar você. Prometo.

3

HAVIA VÁRIOS LUGARES PARA se coletar a recompensa do bicho-papão. Alguns eram bons e limpos. Outros ficavam na periferia da cidade e atraíam o pior tipo de pessoas mágicas. O Habada-Chérie era um meio-termo.

Ficava em uma rua bastante movimentada na cidade de Houma. O edifício era feito de tijolos escarlates com quatro colunas brancas nos cantos. Cada coluna tinha fendas nas laterais que se assemelhavam a janelas falsas. Marius sabia que eram falsas, porque o Habada-Chérie não tinha janelas. Também não tinha porta. Bom, pelo menos não uma que o mundo exterior pudesse ver.

Marius caminhou até a frente do edifício. As palavras *O Habada-Chérie* estavam pintadas de forma grosseira do lado de fora. Parecia mais um grafite do que uma fachada de loja.

A caçada na casa de Violet havia demorado menos do que ele esperava. Eram apenas dez horas, então as ruas estavam mais movimentadas do que ele gostaria. Ele deveria ter enrolado mais, talvez até ter ido para casa primeiro. Carros passavam zunindo, e em algum lugar mais para cima na rua, pessoas riam de algo que ele não conseguia ouvir.

O cheiro de água do riacho e peixe frito pairava no ar. Toda comoção prosseguia ao redor do prédio, mas ninguém tentou entrar. Nenhuma pessoa perguntou por que não havia porta. O prédio estava enfeitado para afastar suspeitas e curiosidade.

Marius alcançou um tijolo que se destacava mais do que os outros. Estava prestes a puxá-lo quando aquela voz familiar o interrompeu.

Há lugares melhores aonde você pode ir para trocar o bicho-papão.

— Eu os conheço — disse ele.

Eles não são os melhores indivíduos lá dentro. Há a antiga casa de Marie Laveau e o lugar de vodu em Metairie.

— Todos esses lugares farão perguntas. Vão me denunciar.

Eu só... estou preocupada.

— Não precisa. Está tudo bem. Vou ser rápido.

Marius abriu a porta de tijolos que arranhou o chão de cimento. Ele deu uma última olhada ao redor antes de entrar e fechar a porta.

O Habada-Chérie não atendia turistas que procuravam algo mágico para levar de lembrança para casa. Você não encontraria aqueles bonecos genéricos de vodu ou velas de feitiço falsas ali. Havia várias lojas no Bairro Francês para isso.

Não, ali era onde os verdadeiros praticantes vinham comprar seus suplementos. Havia pedras sagradas e lâminas dentro dos armários de vidro. Raízes mágicas, ervas e pós cobriam as paredes em jarras que pareciam antigas. Apesar da aparência desgastada das prateleiras de madeira, tudo estava bem organizado.

A loja cheirava ao sobrenatural. Principalmente a óleo de incenso e madeira velha, mas havia algo mais. Estava fraco, mas quando Marius respirou fundo, pôde distingui-lo. O cheiro de um fogo apagado. Aquele cheiro de fumaça chamuscada depois de uma fogueira se apagar.

— Você de novo?

A pergunta saiu de uma garganta rouca. Marius se assustou quando Madame Boudreaux apareceu atrás do balcão.

Ela era uma anciã. Ou parecia uma anciã, pelo menos. Ele não era muito bom em adivinhar a idade dos adultos, mas até as rugas de Madame Boudreaux tinham rugas. Ela encarou Marius com seu único olho bom. O outro, cego, tinha uma cor leitosa.

— Boa noite, Madame Boudreaux — ele disse com sua voz de “tenho-que-ser-educado-com-adultos”.

— Não tem nada de boa — ela retrucou.

— Estou aqui para falar com o Papa Harold — ele continuou.

— É claro que está. O que você pegou desta vez? — ela perguntou.

A sobrançelha acima do olho bom arqueou com um leve interesse.

Ele não respondeu a princípio. Em vez disso, puxou o livro de um dos bolsos internos de seu sobretudo. Ele ainda zumbia um pouco. A lombada emitia um brilho fraco. A capa estava quente junto ao seu corpo.

— Um bicho-papão.

— Ah, só isso? — ela disse, dando um aceno com a mão deformada. — Pensei que seria alguma coisa interessante. Ainda se escondendo no quarto de crianças, pelo visto. Muito assustador, garoto.

— Posso... só ver o Papa Harold? — Marius perguntou. Ele estava cansado, faminto e impaciente. — Preciso trocá-lo para poder ir para casa.

O rosto de Madame Boudreaux se contorceu em uma carranca profunda. Ela cruzou os braços como uma mulher contemplando onde acertá-lo primeiro.

— Digo, por favor — ele completou rápido. — Por favor, posso vê-lo?

Ela mancou até a beira do balcão. Por um momento assustador, Marius temeu que ela voltasse com uma colher de pau ou algo do tipo. A última coisa de que ele precisava era de outro galo na cabeça. Em vez disso, a velha megera bateu na quina e gritou para o corredor:

— Harold! Você tem negócios a tratar!

Eles ouviram um barulho na sala dos fundos. Algo duro caiu no chão com um *baque*. Depois de alguns movimentos e coisas sendo arrastadas, um homem de aparência desleixada saiu de lá com os braços cheios de livros e sacolas.

Madame Boudreaux era uma mulher baixa. Marius era quase mais alto do que ela. Quando ela ficou ao lado de Papa Harold, pareceu um *hobbit*, porque ele exibia incríveis dois metros de altura.

— Ouvi você fazendo uma bagunça, Harold. Pelo amor de Deus, me dê isso daí. — Papa Harold lhe entregou suas coisas. — Fique longe do meu depósito! Já te disse.

— Eu estava limpando. Você não alcança o topo — ele disse, num tom de voz extraordinariamente aguda para um gigante.

— Eu disse para deixar quieto! Agora, mexa-se. O garoto está aqui para trocar um bicho-papão. Cuide disso para que ele vá embora. Crianças deixam os outros clientes nervosos.

Marius aproveitou para olhar ao redor da loja. Não havia outros clientes além dele.

Não diga nada. Você não vai querer ser transformado em uma galinha de novo.

— Pois é, fiquei tossindo penas por um mês depois disso — ele disse.

— O que você disse? — Madame Boudreaux perguntou.

— Nada — Marius respondeu.

— Pensei ter ouvido...

— Não importa — Papa Harold a interrompeu. — Vamos fazer negócios, jovem Marius. Estou ansioso para ver o que você pegou.

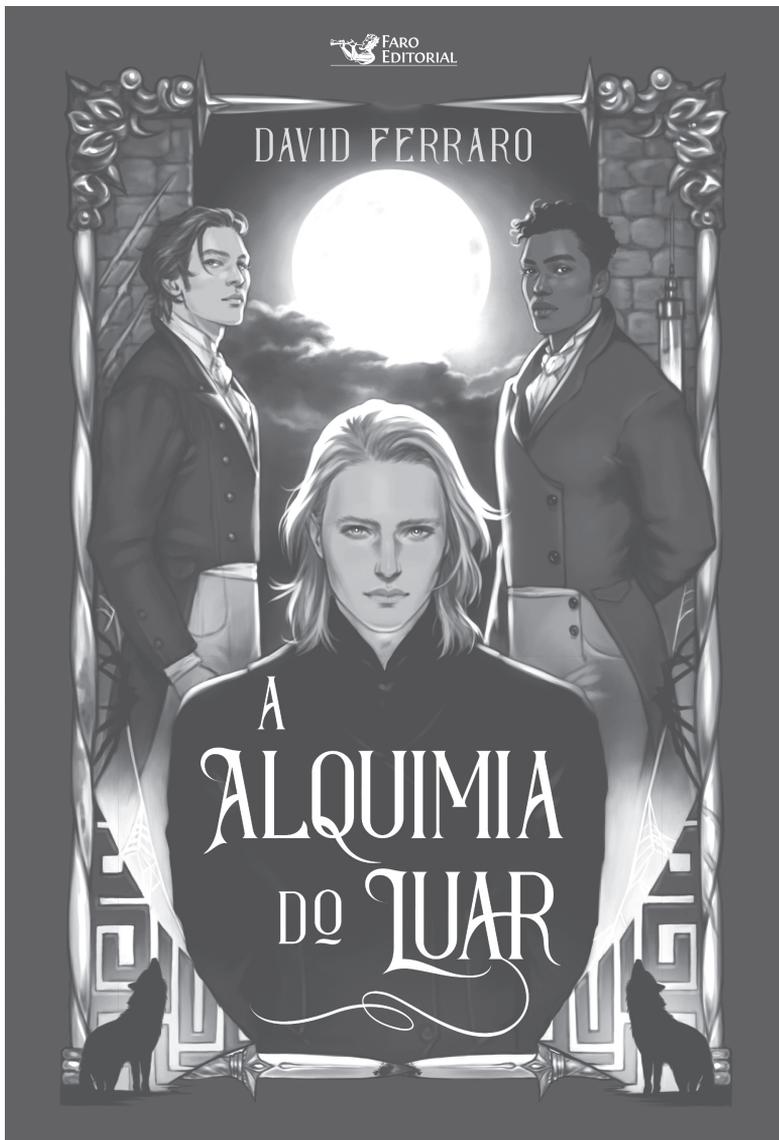
leia também

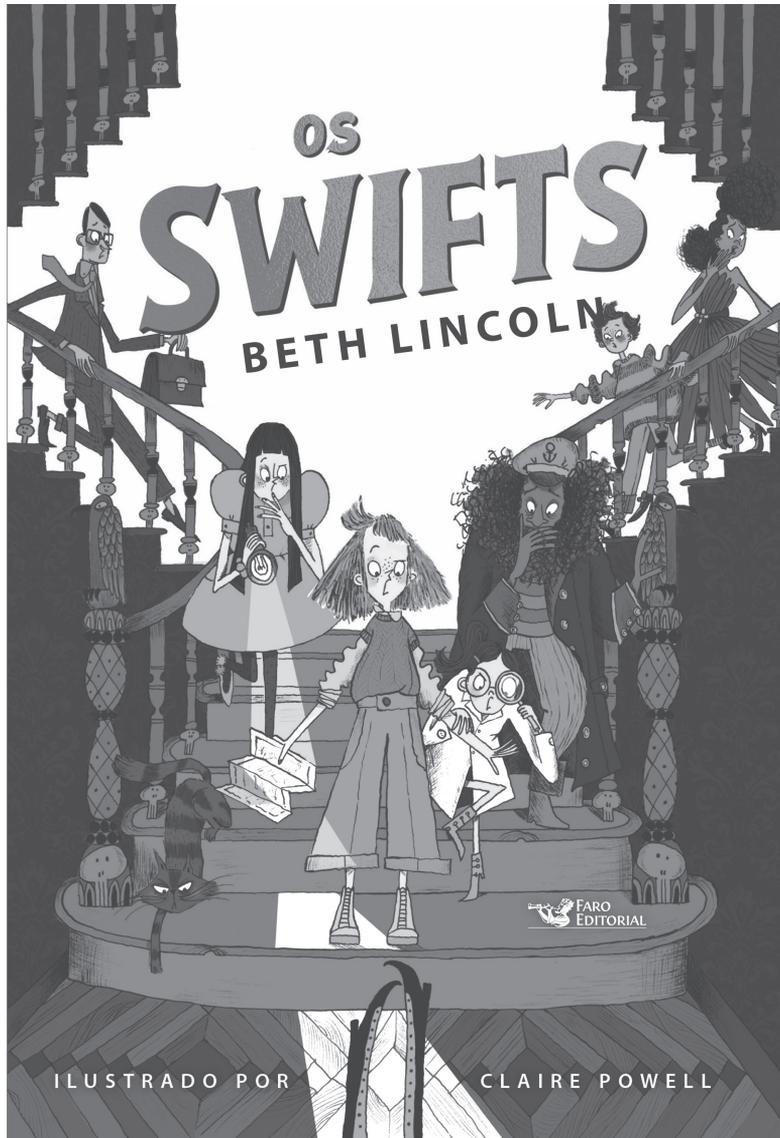


FARO
EDITORIAL

DAVID FERRARO

A
ALQUIMIA
DO LUAR





OS SWIFTS

BETH LINCOLN

FARO EDITORIAL

ILUSTRADO POR

CLAIRE POWELL

Amanda Glaze

A SEGUNDA
MORTE

das

IRMÃS
BOND

FARO
EDITORIAL

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br



CAMPANHA



Há um grande número de pessoas vivendo com HIV e hepatites virais que não se trata.

Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro.

FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!



ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM FEVEREIRO DE 2024